



Doação de órgãos, uma atitude necessária

Dados recentes revelam que 70 mil pessoas em todo o País estão à espera de órgãos e tecidos. Para muitas, somente um transplante pode salvá-las da morte; para outras, essa talvez seja a única chance de prolongar a expectativa de vida de forma mais confortável. Dessa lista, o órgão mais almejado é o rim. São quase 35 mil brasileiros desejando um, sendo 841 no Rio Grande do Norte. Na segunda colocação, encontrar uma córnea compatível é o desejo de outras 24.693 pessoas, das quais 454 são potiguaras. A lista é crescente e, na opinião de muitos especialistas, ela não deveria mais existir. O assunto foi tema da mesa-redonda 'Transplante de órgãos', da qual participaram profissionais das mais diversas especialidades, além de centenas de estudantes acadêmicos e até do Ensino Médio. Para comandar o debate, a coordenadora da Central de Transplantes do RN, Francinete Guerra. Ela enfatizou, sobretudo, o trabalho das Centrais de Transplantes no país e no Estado. A Central é responsável por coordenar as atividades de transplantes em âmbito estadual, além de cadastrar e gerenciar as listas de receptadores de órgãos e tecidos na lista única.

O grande entrave, contudo, é que esse trabalho ainda é pouco conhecido. Francinete Guerra explica que é justamente a falta de informação uma das principais causas da não efetivação do transplante no país. "São muitos os desafios, mas esse é, tal-

vez, o maior deles. Falta informação, inclusive, por parte dos próprios profissionais da saúde, e a oposição da família é outro grande problema".

O especialista em transplante de rim Paulo José de Medeiros reiterou as dificuldades. "Rins e córneas estão na liderança porque são órgãos que não podem esperar muito tempo pela sua retirada e condicionamento. No caso do rim, não existe um tratamento substitutivo". No Brasil, 50 mil transplantes já foram realizados, sendo mais da metade deles de doadores falecidos. No RN, foram apenas 98 transplantes de rim desde 2003.

No caso das córneas, Romeica Cunha Lima, coordenadora da Clínica Integrada da FARN e do Banco de Olhos do RN, explicou que o olho pode ficar preservado por até 14 dias e apresenta baixo índice de rejeição. "No Estado, as pessoas que fazem parte da lista esperam por uma córnea por até quatro anos. Somente este ano, até setembro, 65 pessoas fizeram o transplante", disse, considerando ser um número razoável. Ela frisou ainda que a criação do Banco de Olhos do Hospital Onofre Lopes se deu em 1990, por iniciativa de Daladier Pessoa Cunha Lima, no período em que era reitor da UFRN.

MEDULA

Um grande equívoco da sociedade é achar que a doação de órgãos e tecidos só é possível através de uma pessoa já falecida. Por isso mesmo, é sempre

importante lembrar que uma pessoa saudável pode, sim, doar um dos rins, parte do fígado, parte do pulmão e, de forma quase imperceptível, parte da medula óssea. Esse último, inclusive, foi o assunto abordado por Kleber Cavalcante, diretor do Hemovida e do Hospital Central Cel. Pedro Germano, localizado dentro da Polícia Militar. Dos pouco mais de 506 mil doadores de medula cadastrados, somente as regiões Sudeste e Sul detêm 97,3% da lista. No Estado, de 2002 a abril deste ano, só foram realizados 26 transplantes. O transplante de medula é, em muitas vezes, a única chance de vida para pacientes que têm doenças do sangue, como leucemia.

CADASTRAMENTO

A presença do Hemovida durante o Congresso de Iniciação Científica da FARN trouxe excelentes resultados, especialmente com a instalação de uma unidade móvel, durante todo o evento. Mais de 200 novos voluntários foram cadastrados no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea, um dado impressionante, segundo Dra. Renata Alves, bioquímica responsável pelo Laboratório de Genética. A ação móvel é uma campanha do Hemovida. Durante o evento, jovens do sexo feminino foram as mais corajosas e, conseqüentemente, as que mais tornaram-se voluntárias. É o caso das estudantes do 4º ano de Direito, Júlia Prado, que foi motivada pela mesa-redonda, e Priscilla Mesquita.